

Das reverberações da gestação da analista

Ana Flávia de Oliveira Santos^[1]

RESUMO: A autora discute as reverberações de sua gestação em sua clínica, apresentando uma experiência de atendimento on-line a uma criança, em meio à pandemia. Propõe ressonhá-la através de um conto escrito por Clarice Lispector, “A legião estrangeira”, e realiza uma leitura psicanalítica do material clínico. A comunicação da gestação à paciente é analisada considerando os circuitos transferenciais, convocando a analista ao ofício. As repercussões na relação analítica são aprofundadas partindo da ideia de cesura de Bion e discutindo outros conceitos psicanalíticos emergentes do material apresentado. Se, por um lado, a gestação da analista provoca perturbação no *setting*, por outro, sustentada a função analítica, pode possibilitar a expansão do trabalho da análise, adquirindo, tal qual uma gestação, novos contornos.

PALAVRAS-CHAVE: gestação, relação analítica, psicanálise, experiência emocional, cesura

1. Psicóloga. Mestre em ciências (psicologia). Membro titular do Instituto de Estudos Psicanalíticos de Ribeirão Preto (IEP-RP).

Criar de si próprio um ser é muito grave. Estou me criando. E andar na escuridão completa à procura de nós mesmos é o que fazemos. Dói. Mas é dor de parto: nasce uma coisa que se é. É-se . . . Vida de matéria elementar.

– Clarice Lispector, *Água viva*

Inquietações iniciais

“Quem quiser nascer tem que destruir um mundo”, assim adverte Hesse (1919/2015, p. 77) em um livro seu. Mas o que é nascer? Quem, quando e como se nasce?

Quem dá à luz o bebê? A mãe ou o feto a termo? O feto a termo de algum modo indica que já chega de estar dentro da mãe? Ou a mãe indica que já chega de carregar consigo aquele fardo? (Bion, 1978/2020, p. 9)

Quem é a parteira? Ou haveria uma simultaneidade, um movimento de ambos que se revela entre eles, dependente inclusive de um amparo externo? Não se esquecendo de que “sempre é difícil nascer” (Hesse, 1919/2015, p. 117).

Partida, então, não ficaria a mulher ao partir do bebê que, assim, nasce? E, partindo, não levaria o que partiu a mãe? Re-partindo-a (ou re-parindo-a), pois que albergara, hospedara e abrigara outras vidas: a da mãe e a do filho. Nascendo também outra! Não comportando, portanto, retorno ao estado original anterior ao parto. Pois também não retorna às origens, de ter sido o bebê que habitou o útero da mãe que também a gerou. Ainda que tanto renasça dessa experiência nela ao gestar... Afinal, também a uma mãe a mulher pariu! E será que esta partiu? Para onde terá ido – quem? De onde? E para que lugar? Pois se o bebê absolutamente depende da mãe, terá sido a mulher a partir?!

Daí que gerar e nascer partilham da mesma raiz. De se ter partido – dividido, rompido/separado, quebrado... perdido? Ainda que algo os una. Mesmo que se busque vida afora por algo que pareça novamente completar. Implicando uma cesura, aquela que, ao mesmo tempo, sugere, paradoxalmente, ruptura e continuidade, para Bion (1977/1981). Que remete à cesura do nascimento de que Freud (1926/2014) já tratara em seus estudos e cuja ideia o autor anteriormente mencionado amplia.

E se é a analista quem se encontra prestes a parir – ou partir? E sabe-se lá quem irá nascer – ou voltar! Teria a analista partido? Ou teriam os pacientes partido antes? Iriam chamá-la de volta? Ou a aguardariam retornar? Quem se encontraria, então, na sala? E se esta for virtual?

E em meio a isso uma pandemia! Durante a qual o ofício analítico se realizava predominantemente on-line. Então, como comunicar a vida que viria? Ou melhor: que já se encontrava na sala! O que, em que momento, como? Pois qual não era o medo de, em tempos pandêmicos, de atendimento psicológico on-line, não saber como nem quando comunicar a vida que viria. Esta, que diz da gestação da analista, que, em tempos anteriores, se introduzia pelo despontar da barriga, fazendo-se até mesmo presença intrusiva. Revelando-se, outrora, concretamente aos órgãos dos sentidos, o que, por sua vez, não garantia visão nem captação, que dirá percepção, compreensão e elaboração.

E, hoje, através de uma tela, ou menos, por meio de um áudio, essa força se manifestaria? Em caso positivo, como? Afinal, com que olhos se enxerga? O que seria necessário para captar essa experiência de formação e constituição de um ser? Um paciente farejaria isso? Se no atendimento presencial algo do concreto pode ser objetivamente percebido, uma vez sinalizado pelas mudanças concretas corporais da analista, o que se poderia pensar em um contexto de atendimento na modalidade on-line? Aliás, bastariam olhos para ver? Mesmo em um atendimento presencial, não raro não se vê a barriga crescendo...

Disso, uma questão se impunha, entre curiosidade, receios e inquietações: como comunicar, anunciar ao paciente? Resistência minha? Ou seria paciente-dependente, de sua percepção, experiência intuída, captada inconscientemente? Tendo, pois, que aguardar. A gestação encontraria uma via para se expressar?

E teria, como analista, escuta para tal manifestação? Mas, afinal, o que faz de alguém um analista? O analista precederia a relação estabelecida por uma dupla? Ou seria a relação a parir um analista? Qual o ponto de partida, de fundação ou de nascença? Daí que, da análise, nasceriam analisando e analista, e então uma relação analítica. E seria esta uma conquista permanente?

Relação de cujas comunicações – ou contrações? – entre inconscientes se destacava o tema da gestação – e o que gravitava em torno dela. Ora aparecendo mais, ora menos ao longo das sessões, com diferentes pacientes, apresentando variações. Particularidades também.

A própria situação da gravidez intensificaria transferências no atendimento? Ou estaria eu interpretando – narcisicamente – grande parte como fazendo referência a minha gestação? Haveria, portanto, interferências e ruídos que impactariam a minha escuta? Ou a gestação, e não a barriga concreta, adentraria o *setting*, mobilizando fantasias no paciente, pois suas transformações não se limitam ao físico? E quais seriam essas fantasias? Seria possível continuar sonhando a dois? Ressoando? Ressonhando!

Na proposta ora apresentada, no esforço de dizer as ressonâncias da gestação em uma relação analítica, busco ressonhar a experiência de atendimento clínico on-line a uma criança, em tempos de pandemia, a partir de trechos do conto “A legião estrangeira”, de Clarice Lispector (1964/2020), sem, no entanto, esgotá-lo em sua multiplicidade de sentidos. Proponho-me, pois, a escrever a partir, por meio e em torno de – não sobre – alguns aspectos encarnados no texto como ilustrativos do atendimento realizado, com o intuito de abrir espaço para pensar – e sonhar! – o atendimento a Ofélia Maria dos Santos Aguiar, aqui batizada homônima à criança do conto.

Quanto a conceitos psicanalíticos, proponho-me a pensar aqueles que o material clínico fez emergir, nascentes da relação analítica e de sua discussão, partindo da ideia de cesura para Bion e ampliando para compreensões acerca da experiência emocional e capacidade negativa propostas pelo autor, bem como do narcisismo para Freud, entre outros. Assim, discuto-os à medida que comparecem nas associações de excertos do atendimento realizado, aproveitando-me dos fragmentos do conto

para oferecer figurações e identificar os movimentos presentes e nascentes em uma relação tão particular, intensa, e imersa em um contexto prenhe de novos significados. As questões levantadas intentam recriar o estado experimentado no atendimento, bem como propiciar um estado associativo, tão característico do momento vivido da gestação, e que permita explorar as ideias apresentadas, sem, no entanto, resolvê-las.

Para contextualização, no conto “A legião estrangeira” (Lispector, 1964/2020), a narradora, ao ganhar um pintinho, rememora o impacto emocional sofrido de seu encontro, anos antes, com Ofélia Maria dos Santos Aguiar, uma criança que não se comportava como tal. Tinha ares adultos, muito provavelmente como defesa a um desmantelamento psíquico, tão desorganizador que, nela, permanecia prestes a irromper. A personagem como que invadia a casa da narradora, que sustentava uma atitude continente à exploração de Ofélia, ainda que tanto se passasse dentro dela, com seus sentimentos e questionamentos, mesmo sendo interpelada pela criança. Ofélia se prestava a corrigir a narradora, projetando nela seus aspectos dependentes e impotentes. Ofélia sentiria a narradora como uma extensão de si, negando a percepção dolorosa de ser criança e separada?

Qual não é então a reação de Ofélia ao descobrir ter na casa da narradora um pintinho – (desamparado!) que “por ter nascido se espanta” (Lispector, 1964/2020, p. 103) – que ela não tem; um encontro que, sustentado pela presença da narradora do conto e dados seus desdobramentos, a transforma, fazendo nascer, psicologicamente, enfim, uma criança, da qual a narradora é testemunha. E, com esta, tantos outros aspectos também nascem – em ambas! Até que, ao pegar o pintinho, Ofélia ordena que ninguém mais o faça, manuseando-o com ambíguo cuidado. A narradora, então, entrega-se a sua máquina de escrever, intervalo no qual Ofélia adentra a cozinha e mata o pintinho. Aterrorizada, Ofélia vai embora, restando a narradora ressentida por não ter explicado à criança os caminhos tortuosos do amor.

Do renascer do parto: uma leitura psicanalítica

A cesura do nascimento. Com o que se rompe ao nascer? Seria possível determinar a hora desse parto não concreto? Quando soube Ofélia Maria, a paciente, de meu bebê? Quando comunicou o bebê-boneca na sala? Ou soubera muito antes, sem palavras ou brincar para dizer? Ou será que até dissera, não tendo encontrado, por sua vez, a escuta da analista? Afinal, há diferentes formas de dizer...

Ocorre que continuávamos em atendimento on-line. Dada a situação de pandemia, havíamos inicialmente interrompido as sessões, a pacientezinha e eu. Mas, sendo uma circunstância que se estendia no tempo, sustentada pelas férteis trocas entre pares, pelas quais me senti encorajada, fiz-lhe o convite ao encontro remoto. Ela aceitou a experiência. Eu descobria com ela uma forma de encontro com criança e, mais, com a minha paciente sendo ela. Um encontro, por mim, insuspeitado até então.

Sentada, com apenas uma parte de meu corpo à mostra, captado por meio de uma câmera e projetado na tela da paciente. Como lhe comunicar a tal experiência que

comporta em si a cesura, a do nascimento, mas também a da sessão/relação, quando há um terceiro ali constantemente conosco e que, em algum momento, carrega em si a expectativa, mais breve ou mais longínqua, de uma separação? Ou seria abandono? Uma situação que demandava, de minha parte, capacidade negativa, conceituada por Bion (1970/2006) como um estado da mente que possibilita uma tolerância ao não-saber, às incertezas, ao desconhecido, e que demanda, paradoxalmente, a sustentação de um mistério. Também não é disso que se trata uma gestação?

Estava grávida: uma formulação, em minha experiência, de difícil enunciação para a paciente, quase em sussurro – seria vergonha? Medo? Ou culpa!? “Abri a boca, ia dizer-lhes a verdade: não sei como” (Lispector, 1964/2020, p. 104). Encontrando uma analista hesitante. Afinal, pouco se discutem as ressonâncias e reverberações da gravidez da analista na clínica. E em situação de pandemia, então! Não seria atrevimento uma nova perturbação no *setting*, já tanto perturbado pela pandemia?! Queria eu tirar o corpo fora? Manter tudo inalterado! E seria isso possível? Uma área de sobreposição, manifestando-se tal qual uma boneca russa: dentro da pandemia, a gestação da analista tentava caber, não se sabendo, no entanto, qual a perturbação maior.

Se em análise pessoal e em supervisão a perturbação e a tormenta pareciam ser *como e quando* comunicar a vida que viria... Bobagem! Pois um bebê já não se encontrava na sala? O mais paradoxal: a espera de quem já se fazia presente. Quando então pude suspeitar de que a paciente intuía a minha gestação. “Quantas vezes teria eu falhado... Tentei isolar-me do desafio” (Lispector, 1964/2020, p. 104) – pois, em suas brincadeiras, um bebê passou a se fazer presente: “a suspeita passou-lhe pelos olhos” (p. 109).

Em uma das sessões, ainda bem no início de minha gestação, sua percepção, em sua fala, revela-se ao dizer: “da princesa Sofia”. Esse enunciado, pela sonoridade, escuto-o como “da *sua filha*”. Intuiria minha gravidez, ainda tão inicial? E inclusive o sexo do bebê, de que nem ainda sabia eu? A gestação, assim, impactava a minha escuta como analista e promovia intensos efeitos na transferência, que se faziam sentir na experiência emocional do encontro com Ofélia Maria. Mas ainda aguardava, receando interpretações narcísicas – afinal, o que veria Ofélia? “E adiávamos indefinidamente o momento de chamá-los e falar claro que as coisas são assim” (Lispector, 1964/2020, p. 102).

Por sua vez, não me convocaria, como analista, ao trabalho transferencial? Que analista seria eu se refugasse esse chamado? Um trabalho que considera a experiência emocional (Bion, 1962/1991), em curso na sessão, que tem lugar no encontro da dupla. E cujo conceito o autor ampliou a partir do modelo de transformações como teoria da observação do funcionamento mental em psicanálise. Para Bion (1965/1991), a ideia freudiana de transferência como movimento de ideias/emoções transferidas à relação analítica, que possui caráter de repetição, corresponderia a apenas uma transformação (em movimento rígido) entre outras transformações (projetivas, em alucinação, em ser), das quais o analista também participa. Assim, como pontua o autor, não se teria acesso ao que se passa na sessão – “mencionamos, apenas, o que o

analista ou o paciente acha que acontece, sua experiência emocional que represento por T [transformação]” (p. 43).

“Eu sabia também que só mãe resolve o nascimento” (Lispector, 1964/2020, p. 103). “Eu era a mulher da casa, o celeiro” (p. 104), a provisão, a fonte, a Ana-lista. A quem caberia falar a partir da experiência emocional do encontro. Mas não restariam ainda aspectos nem nascidos?

Bion (1985/2017) adverte que, independentemente dos fatos, não nos afugentemos, mantenhamo-nos analistas, o que demanda, para o autor, o rompimento ou a flexibilização de fronteiras. Pois não fora o requerido pela situação de pandemia e início do atendimento on-line?

O medo conscientemente percebido era de que, narcisicamente, eu interpretasse o acontecimento em análise como meu, referenciando minha gestação, “meu quintal é maior do que o mundo!” (Barros, 2015, p. 117). E não seria? Que momento seria mais narcísico que uma gestação? Narcísico, pois, como conceituado por Freud (1914/2010), a libido se retiraria dos objetos e retornaria ao ego. Para o autor, a experiência de ser mãe/pai reativaria o narcisismo. Como pontuado por Lima (2020), residiria o risco de, tomada pela própria potência de gerar uma vida, pouco espaço restar, como analista, para albergar um encontro genuíno com o outro. Ser dois-em-um. No corpo, de um que se faz dois. No corpo-a-corpo mãe-bebê – e isso trataria de contato ou de confronto? De uma a duas. Um corpo para dois? A gestação me deixaria com os órgãos sensoriais mais afi(n)ados? Estaria, como aponta a literatura (Caron, 2020), regressiva, mais receptiva a fenômenos psíquicos inconscientes ainda mais primitivos? Além disso, a uma criança não restariam maiores possibilidades de captação inconsciente, silenciosa?

A gestação, assim, mesmo em um ambiente virtual, adentra a sala e anuncia – ou denuncia? – a si mesma, pois uma comunicação inconsciente (e entre inconscientes) independe do concreto. Observava, na paciente, a mobilização de algumas fantasias regressivas, entre as quais Ofélia Maria alternava, exigindo esforço psíquico de elaboração. Também assim convocava a presença viva da analista e promovia, na transferência, um encontro mãe e filha, uma brincadeira sua que, então, retornara e se repetia nas sessões.

Em outro momento, como em meu auxílio, declarou Ofélia Maria: “Ana, sei o que vai acontecer na continuação do filme, no *Frozen 3*: a Anna fica grávida!”. Admitindo que sabia, confirmo a percepção de Ofélia, que, então, solicita que cantemos juntas. E minha paciente me ajuda de novo:

Cada dia é mais difícil
Meu poder me faz subir
Sinto um impulso que me faz seguir
Minha intuição, minha intuição
Minha intuição
 (“Minha intuição”, em Lee & Buck, 2019, min. 16-20)

“E eu, atingida em cheio no rosto sem cobertura – logo no rosto que sendo o nosso avesso é coisa tão sensível – eu, atingida em cheio” (Lispector, 1964/2020, p. 107). De que/quem estaria falando Ofélia Maria? “Como é que ela sabe?” (p. 108). Poderia ser mais clara do que isso? Tomo, pois, por parto ocorrido; parto, então, do princípio: Ofélia sabia. “Também este sabia, do modo como as coisas vivas sabem: através do susto profundo” (p. 102). É certo que não confirmara a minha gestação ao primeiro indicativo de captação/intuição por parte de Ofélia. Já aqui, parecia aliviada – ou a aliviada seria eu? Afinal, Ofélia não teria me ajudado? Eu confirmara a percepção de Ofélia, ou teria sido ela a confirmar e a escancarar a minha? Ou a “aliviar a minha barra”? Dizendo daquilo que o psiquismo capta e a transferência revela (Lima, 2020). Ofélia intuía. Captara. Vira. Acorre-me de novo Manoel de Barros (1996/2000): “é preciso transver o mundo” (p. 75).

Nem todos os olhos são de ver, pois podem não conseguir enxergar uma barriga que cresce a olhos nus. E tem olhos que veem além, nem precisando da barriga concreta. Como os de Ofélia. Algo se avolumava no encontro, e nem era a barriga. Se a relação analítica é como um útero, é necessário, pois, suas reverberações gestar. Incluindo sobretudo o circuito transferencial.

Lima (2022) diz:

o desejo de saber nos faz ter olhos de ver. E quando abrimos os olhos há muitas coisas difíceis de enxergar. A experiência de lucidez, quando não encontra reconhecimento em outros, pode ser enlouquecedora. Faz a gente pensar que está alucinando, “vendo coisas”. Portanto, encontrar companhia é um trabalho necessário, pelo qual nos fazemos responsáveis. (p. 18)

Daí o alívio de Ofélia. Não só. Sobretudo o meu, enfim confesso! Não estava louca, nem ela nem eu. Estávamos em companhia. Da nossa e de um bebê. Ao passo que nem tudo deve ser interpretado como referência à gestação, da mesma forma suas evidências não devem ser negadas (Caron, 2020). Antes, pedia companhia para que sua captação da minha angústia/perturbação pudesse ser colocada em cena, reconhecida, validada. Legitimada. Inclusive para, ao iluminá-la e testemunhá-la, conter a angústia. E abrir caminho. Até mesmo para o que a gestação pavimentava.

Há ainda que se considerar que o que se vê pode não ser dito. Quero com isso falar sobre não dizer com palavras, ou com todas as palavras. Por sua vez, pode ser dito mesmo com palavra alguma. Daí que a escuta do analista, nossa ferramenta de trabalho, precisa ser afiada ou afinada. A sonoridade, em um vértice, disse algo de meu no circuito transferencial vivido na relação. Algo que partiu da pessoa real que sou, capturado pela paciente, e que também alcança a sua fantasia, revelada na experiência emocional. Ao mesmo tempo, uma situação que indaga sobre a minha disponibilidade para esse encontro e o seu manejo. De forma que minha escuta permitiu uma transformação, de “Sofia” a “sua filha”, possibilitada por uma disponibilidade mental/função continente à comunicação de Ofélia Maria, que permitiu o sonhar acordado (*rêverie*) conceituado por Bion (1962/1991). Assim, considerar essa escuta para além de

um movimento narcísico, mas como comunicando algo presente na relação, oferece a chance de uma relação iminentemente analítica irromper, vir-a-nascer. “O contato se fez através da filha” (Lispector, 1964/2020, p. 106).

À confirmação de sua intuição quanto à gestação, ri, engatando: “menino ou menina?”. Pois o que está prestes a nascer, coisa viva, “desperta a suavíssima curiosidade que junto de uma manjedoura é adoração” (Lispector, 1964/2020, p. 101). Em outro momento – profeticamente? – anunciou Ofélia Maria: “Ana, e a Anna do Frozen vai ter uma menina. Uma menina!”.

Mas sentimentos são água de um instante. Em breve – como a mesma água já é outra quando o sol a deixa muito leve, e já outra quando se enerva tentando morder uma pedra, e outra ainda no pé que mergulha – em breve já não tínhamos no rosto apenas aura e iluminação. (Lispector, 1964/2020, p. 102)

Se, inicialmente, Ofélia despertara em mim e nela o gozo da confirmação do que já antes soubera – “daí a pouco a mesma água era outra, e olhávamos contrafeitos” (Lispector, 1964/2020, p. 102) –, também demonstrava desconfiança e um querer um bebê só para si. “E, a água já outra, pouco a pouco” (p. 102), também um querer ser um bebê para a Ana e ter a mãe-Ana-lista só para ela. “Pouco a pouco tínhamos no rosto a responsabilidade . . . Também nos desajeitava o medo . . . Era impossível dar-lhe a palavra asseguradora que o fizesse não ter medo” (p. 102-103), despertava em mim um querer “consolar coisa que por ter nascido se espanta” (p. 103). Pois saber de outro – seja a analista, que não uma extensão dela mesma, seja o bebê real desta, que, ao existir, também a exclui – era de uma dor cuja dimensão não lhe cabia, pois sem tamanho. Uma cesura. Mas buscava desenvolver recursos. Pois ao romper da bolsa-continente é que se anuncia a vida que em breve chegaria. E não apenas do bebê concreto.

Algo mudara em Ofélia Maria, e também na Ana-lista, refletindo na relação. A paciente, em sua brincadeira, alternava-se em suas fantasias. Ora se identificava com um bebê desamparado, necessitado de cuidados de sua mãe, reproduzindo vozes e comportamentos de bebês, convocando a Ana-lista como mãe na transferência. Ora se identificava com uma mãe onipotente e idealizada, que de ninguém necessitava, nem da Ana-lista, não-bebê que se tornara, sendo a experiência emocional com Ofélia Maria termômetro e bússola da relação analítica. “Eu trabalhava e ouvia” (Lispector, 1964/2020, p. 106).

Ofélia Maria seguiu cantando a música de *Frozen 2* (Lee & Buck, 2019, min. 16-20):

Não me esqueça
Nessa imensidão
Em você encontrei
Minha intuição

“O que, por sua vez, me fizera pensar que ela me dissera mais do que nós duas percebêramos” (Lispector, 1964/2020, p. 105). Também me advertia quanto aos riscos

de me deixar perder da escuta analítica em minha experiência – narcísica – de gestar um bebê. Poderia eu ter me afastado de Ofélia, mesmo que temporariamente? De sua parte, estaria ela efetuando uma busca, como um resgate, desejosa de meu retorno à função analítica? Buscaria reaver e salvaguardar, na transferência, a atenção e a presença da mãe? Ofélia me chamava de volta. Haveria retorno? À confirmação do conhecimento/intuição/captação de Ofélia quanto ao bebê, então, na sala, passado o entusiasmo inicial do encontro e o alívio, seguiu-se, pouco a pouco, o reconhecimento da separação que se anunciava. Ou de várias separações?

Pois o anúncio albergava em si também a interrupção: “você volta, Ana?”. Pergunta inevitável quando se imagina que o fim está próximo. Percebi que até então me defendera, pensando que dizer sobre a volta seria suficiente. Quando me dou conta da outra questão, ainda mais assustadora e maior: quem voltaria? Acreditava, sim, que voltaria – mas que Ana? E mais: quando? Haveria resposta? Da minha parte, ainda imperava a culpa por interromper a análise, após as intensas mobilizações emocionais que eu mesma provocara.

Se uma gestação coloca em evidência vida e morte, dizendo de suas fraturas, o que dizer, então, se em meio à pandemia? Havia uma preocupação quanto a uma ameaça concreta – no momento, muitas gestantes estavam morrendo devido à pandemia, especialmente no Brasil. Em outro nível interpretativo, simbólico, como pontuou Caron (2020), retornaria viva ou morta? Ou, ainda, irreconhecível? Outra? Outra de mim? Quisera eu manter tudo inalterado?! Mas, afinal, haveria possibilidade de não perturbação?

Bion (1990/2017) assinala que, em um consultório, há duas pessoas aterrorizadas, analista e analisando: assim também não seria na maternidade? O encontro da mãe, nem nascida, com o filho recém-nascido: dois estranhos. Entranhados? Pois, com o bebê, não nasce uma mãe, ela não vem junto. Quando muito, é construída na relação com o bebê. O bebê, então, nasce a mãe. O bebê sendo ele mesmo, e não outro, e a mãe sendo a experiência de que o bebê precisa. O que nasce é o descompasso – desamparo? – e, com ele, como na dança, a chance de uma coreografia poder vir a se desenvolver. Também na análise o analisando nasceria o analista? A minha gestação, então, oferecia-nos a oportunidade de ampliar nosso trabalho e aprofundar nossa relação.

Mãe e bebê – ou analista e paciente –, nessa situação, não ficariam partidos? A gestação, como acontecimento da pessoa real que sou, que se impõe na sala de análise, promovia uma cesura a marcar uma e outra. “Você quer ser a mãe dele?” (Lispector, 1964/2020, p. 103), uma pergunta que pairava na relação analítica. Ter meu bebê real significaria não mais atendê-la? Poderia se sentir substituída/trocada? Ou, ainda, traída, odienta, excluída de uma imaginada relação amorosa entre mim e meu bebê? Permaneceríamos as mesmas? Retornaríamos? E quem, pós-comunicação? “Como prometer-lhe o hábito” (p. 103), uma vez que não conhecido? A comunicação da gestação poderia demarcar o romper de um vínculo. E o que pensar, então, após a interrupção, durante a licença-maternidade, de cuja separação, ao menos temporária, uma gestação é anunciadora?

Carla Madeira (2021), escritora, aponta que, na maternidade, tudo é redimensionado: “todas as medidas são refeitas, o pouco e o muito aumentam de tamanho. As intensidades que nascem com um filho são desconhecidas: amor, medo, angústia, cansaço, ternura, alegria, dor, tudo é fermentado e cresce na medida de cada história” (p. 124).

Assim também não ocorreria na análise, diante de tal intensidade, do grau de ruptura e turbulência? Marcando um antes e depois. Ao mesmo tempo, contendo um caráter de irreversibilidade, tal o impacto da cesura. Potencializando uma cesura dentro de outra. Para Bion (1977/1981), cesura faz alusão a processos de ruptura, que, ao mesmo tempo que separam, implicam continuidade e trânsito na passagem de um estado mental a outro. E fazem ponte. Travessia. Pois a cesura carrega em si a fecundidade daquilo que pode vir a ser, o embrião do porvir.

Vivenciaria, minha paciente, exclusão, desamparo? Abandono? Com um abandono à vista, despediria, despejaria a analista? Entre ferida e sutura, haveria a possibilidade de ligação, apesar do corte anunciado? Pois o que une também separa; no corte, faz-se a ligação. Eis a cesura. Como o avesso que revela os fios emaranhados de um bordado: o trabalho psicológico do inconsciente a que minha paciente acorre. Que diz da necessidade de se “investigar a cesura; não o analista; não o analisando; não o inconsciente; não o consciente; não a sanidade; não a insanidade, mas a cesura, o vínculo, a sinapse, a (contra-trans)-ferência, o humor transitivo-intransitivo” (Bion, 1977/1981, p. 136).

Vivenciava, também, a separação como percepção de duas pessoas, e não de mim como extensão dela mesma. A partir do que, ao bebê-Ofélia desamparado, urgia construir nova morada. Ofélia me intimava à construção de um abrigo em um jogo virtual, uma casa em meio a uma cidade – ainda em construção ou já abandonada? Ou clandestina até? Abalada, com certeza. “Você volta, Ana?”

Ela estava se dando ao processo, e se me perguntava a grande pergunta, tinha que ficar sem resposta. Tinha que se dar – por nada. Teria que ser. E por nada. Ela se agarrava em si, não querendo. Mas eu esperava. Eu sabia que nós somos aquilo que tem de acontecer. Eu só podia servir-lhe a ela de silêncio. E, deslumbrada de desentendimento, ouvia bater dentro de mim um coração que não era o meu. Diante de meus olhos fascinados, ali diante de mim, como um ectoplasma, ela estava se transformando em criança. . . . Não sem dor. Em silêncio eu via a dor de sua alegria difícil. . . . (Me ajuda, disse seu corpo na bipartição penosa. Estou ajudando, respondeu minha imobilidade.) A agonia lenta. . . . Mais e mais se deformava, quase idêntica a si mesma. Arrisco? Deixo eu sentir?, perguntava-se nela. Sim, respondeu-se por mim. (Lispector, 1964/2020, p. 111-112)

Percebia-se, pois, separada, uma agonia, “uma alegria difícil” (Lispector, 1964/2020, p. 112). Ainda assim, alegria? Retornando à pergunta sobre o sexo do bebê, em diferentes momentos: “é uma menina que vem?”, questionava-me diretamente Ofélia, a paciente, na dor de sua vivência, entre outros aspectos, de exclusão.

E nisso ficaríamos. Não fosse certa coisa que vi e que antes nunca vira. O que era? Mas, o que fosse, não estava mais ali. . . . f piscara um segundo em seus olhos e neles submergira

para nunca ter existido. E a sombra se fizera. Uma sombra profunda cobrindo a terra. Do instante em que involuntariamente sua boca estremeceu quase pensara “eu também quero”, desse instante a escuridão se adensara no fundo dos olhos num desejo retrátil que, se tocassem, mais se fecharia como folha de dormideira. E que recuava diante do impossível, o impossível que se aproximara e, em tentação, fora quase dela: o escuro dos olhos vacilou como um ouro. (Lispector, 1964/2020, p. 110-111)

Um lampejo perpassara seus olhos, como a ganhar corpo, a se perceber viva. Ao mesmo tempo que confirmava sua percepção, também lhe impunha desafios de exclusão e ansiedade de separação e intrusão, suas conhecidas, com os quais lutaria. Corpo a corpo? Estariam somados à inveja da capacidade da analista de concepção, de gerar vida, que nem homem nem criança têm? Também queria um bebê: “também estou com o meu bebê aqui, Ana”, dissera-me. E, assim, rivalizava e aplacava sua inveja. Pois a Ana-lista teria tudo, e não éramos as mesmas, querendo igual condição para si, privilégio que, a seus olhos, era.

Uma astúcia passou-lhe então pelo rosto – se eu não estivesse ali, por astúcia, ela roubaria qualquer coisa. Nos olhos que pestanejavam à dissimulada sagacidade, nos olhos a grande tendência à rapina. Olhou-me rápida, e era a inveja, você tem tudo, e a censura, porque não somos a mesma e eu terei um pinto [bebê], e a cobiça – ela me queria para ela. (Lispector, 1964/2020, p. 110-111)

Ofélia Maria fora atingida em seu narcisismo, tendo a Ana-lista algo que faltaria a ela, instaurando-se a castração. Aqui, compreendida como percepção da falta, algo que Ofélia não tinha, seja o pintinho no conto, seja o pênis no pensamento psicanalítico, seja o bebê na sessão. Mas que eu tinha. “Não estivesse eu ali, e ela roubava minha pobreza também; ela queria tudo” (Lispector, 1964/2020, p. 111). “E imediatamente uma censura passou-lhe pelos olhos como se eu não lhe tivesse dito quem [nasceria]” (p. 115). Desejaria também nascer da Ana-lista? Ou desejaria um bebê em relação a quem assumiria todos os cuidados, para, então, excluir a analista? Havia um terceiro ali presente, o bebê de Ofélia, relação da qual me sentia e permanecia excluída. “O coração pesado de um amor que já não era mais livre” (p. 102).

Os perigos do amor, como aponta a autora. Ou o medo. Ou o medo do amor. Ambivalências? O pintinho piando da história, tão desamparado quanto um bebê recém-nascido, necessitando de cuidados. “A dor do parto é também de quem nasce”, sublinha o escritor Queirós (2013, p. 5). Não estaria Ofélia Maria necessitando da sustentação da analista, uma palavra-colo? Ao que é vivo, nascer é coisa que espanta, ressalta a narradora (Lispector, 1964/2020). Necessitava que pudesse me identificar com o desamparo do bebê-Ofélia, podendo conter suas angústias.

“Depois que o tremor da cobiça passou, o escuro dos olhos sofreu todo . . . Sem me verem, seus olhos quentes me fitavam numa abstração intensa que se punha em íntimo contato com minha intimidade” (Lispector, 1964/2020, p. 111). E o que dizer do temor da cobiça?

“Alguma coisa acontecia que eu não conseguia entender a olho nu. E de novo o desejo voltou. Dessa vez os olhos se angustiaram como se nada pudessem fazer com o resto do corpo que se desprendia independente” (Lispector, 1964/2020, p. 111).

Também queria um bebê não nascente, reinando ela mesma como sua majestade, o próprio bebê, refugiada em seu narcisismo. Pois, no brincar de Ofélia, desaparecera o bebê da analista – matara-o? A rapina de sua inveja!? –, existindo tão somente o seu próprio bebê, si mesma, e assim me privando de meu bebê, o que a defendia da percepção de ser separada e da necessidade de se vincular a mim. E mesmo da frustração diante da minha ausência anunciada. Seria esta uma reação diante da castração, da percepção da falta, que advém da percepção da diferença sexual (Freud, 1924/2010)? Diante da cena edípica, da cena primária, fantasias originárias? Cena que, no pensamento psicanalítico, instaura a situação triangular e seu conteúdo edípico, bem como a ligação (sexual) entre eles (Freud, 1918/2010). Afinal, a gestação da analista também não a desnuda, revelando também um parceiro, além do bebê, e, ao mesmo tempo, não impõe sentimentos de exclusão de algo de que Ofélia não participava? Além de expressão da falta, queria, além do bebê, a Ana-lista só para ela? A completude narcísica! Ou mesmo um parceiro que lhe devolvesse o que acreditava que perdera. “Ofélia, tentei eu inutilmente atingir à distância a menina . . . não se assuste muito! às vezes a gente mata por amor” (Lispector, 1964/2020, p. 116).

E quando o segurava [o pintinho nascido, no conto], era com a mão torta pela delicadeza – era o amor, sim, o tortuoso amor. Ele é muito pequeno, portanto precisa é de muito trato, a gente não pode fazer carinho porque tem os perigos mesmo . . . amando de amor. (Lispector, 1964/2020, p. 115)

“Ficamos nos defrontando, dessemelhantes, corpo separado de corpo” (Lispector, 1964/2020, p. 114). Estava

inerte na cadeira para que a menina se fizesse por dentro de outro ser, firme para que ela lutasse dentro de mim; cada vez mais forte à medida que Ofélia precisasse me odiar e precisasse que eu resistisse ao sofrimento do seu ódio. Não posso viver isso por você. (Lispector, 1964/2020, p. 114)

Em uma tentativa de simbolizar corte e limite, daí em diante começáramos a nos despedir, paradoxalmente, no esforço de sustentar o encontro. Que diz da ambiguidade da experiência que, por sua vez, aprofunda a relação. Afinal, quantas despedidas vivíamos? Despedíamos-nos não apenas do que vivemos. Não apenas da outra. Despedíamos-nos, também, de quem éramos, ou fôramos. Ou seríamos, ou viveríamos. Despedíamos-nos de nós, para então nos encontrarmos com quem podíamos ser. A constante é a de que nos despedíamos, minha paciente e eu. Sentíamos as despedidas. Por um lado, pelo irreparável que comportam. Por outro, pelo alívio que qualquer separação provoca. Pela interdição. Castração. A antecipação de uma saudade. E o conter a espera. A despedida/cesura como horizonte, instrumento de navegação.

Nas sessões, a despedida da Ana-lista e da paciente que fôramos, que não mais seríamos, que sequer voltaríamos a ser, e que jamais então seríamos por força das circunstâncias. A despedida, então, como testemunho do encontro. E não como desfecho, fim, término. Mas como trânsito, passagem. Abertura. Que abre espaço para narrativizar e, assim, quem sabe, ressignificar. Margem, como rio. No esforço e desafio de ficarmos juntas para podermos nos separar e, paradoxalmente, separarmo-nos para podermos estar juntas. Assim como a gestação, um estado expectante. Uma mudança que encerra o desejo esperançoso de continuidade ao mesmo tempo que finda.

Se falávamos, eu e minha paciente, dos riscos e ameaças da pandemia lá fora, que, não só ela, mas nós duas temíamos, quais não seriam então os riscos que nos rondariam se disso não falássemos? Que, por força de uma deformação do que seria abstinência – aquela recomendação ao analista que fundamenta a prática da psicanálise (Freud, 1912/2010), que diz da ética da escuta esperada pelos que a exercem –, não deixaria uma relação genuinamente analítica sequer nascer, das e nas entranhas transferenciais. A dor, pois, dando lugar a uma conexão possível.

“Ofélia perguntou devagar, com recato pelo que lhe acontecia” (Lispector, 1964/2020, p. 112): Ana, também é menina a sua filha? Não à toa esse “também”. Menina como ela – poderia ser ela, e também não era – e como a irmã, outra de suas questões. E ainda: mais nova! Minha filha. Legítima. “Encheu-se de nervoso e de uma preocupação que me envolveram” (p. 114). Como ficaria ela, tanto minha filha na sala de análise quanto eu fora, a sua mãe, em nosso brincar ao longo dos anos de atendimento? Pois havia a necessidade de elaborar essa relação. Também revisitaria a sua própria origem, de ter habitado o interior de sua mãe? E mesmo questões associadas ao fraterno, sob a fantasia de ter sido destronada, como se chegasse uma irmã caçula – esta estranha intrusa! –, fazendo-a perder a condição de especial, com a rivalidade que a experiência contém e a urgência em crescer. Ou ainda a elaboração da experiência, porque, sendo a caçula, não lhe restaria outra opção, pois uma irmã viera antes.

E o meu primeiro sim embriagou-me. . . . Como na hora de meu filho nascer eu lhe dissera: sim. Eu tinha a ousadia de dizer sim a Ofélia, eu que sabia que também se morre em criança sem ninguém perceber. Sim, repeti embriagada, porque o perigo maior não existe: quando se vai, se vai junto, você mesma sempre estará; isso, isso você levará consigo para o que for ser. (Lispector, 1964/2020, p. 112)

Sim, “eu disse que sim, em sobressalto . . . sem brutalizá-la” (Lispector, 1964/2020, p. 104 e 113). Sua intuição estava certa. “com seus oito anos altivos e bem vividos . . . com sua delicadeza firme” (p. 107). E isso lhe trazia mais questões: “Como vai ser depois, Ana?”.

“Ofélia respirava, respirava. . . . Não olhei para ela” (Lispector, 1964/2020, p. 113). Conhecia-se, então, separada. Se nem mãe, nem irmã, nem Ana-lista eram extensões dela mesma, quem seria, então, Ofélia Maria dos Santos Aguiar? A triangulação, ou mito edípico, parte também de uma compreensão, na perspectiva de Bion, relativa ao conhecimento.

Ao mesmo tempo, remete às origens, à cesura do nascimento. “Nela a grande pergunta me envolvia: vale a pena? . . . sim, disse eu guiando-a com cuidado para a vida. . . . Já há alguns minutos eu me achava diante de uma criança. Fizera-se a metamorfose” (Lispector, 1964/2020, p. 111-113). Ofélia confiara na percepção que tivera. Vira! Ofélia, viva, podia, então, sentir. E, pois, ser.

A agonia de seu nascimento. Até então eu nunca vira a coragem. A coragem de ser o outro que se é, a de nascer do próprio parto, e de largar no chão o corpo antigo. E sem lhe terem respondido se valia a pena. “Eu”, tentava dizer seu corpo molhado pelas águas. (Lispector, 1964/2020, p. 112)

Entregáramo-nos, então, à situação, rendendo-nos às contrações naturais próprias de um parto que, ainda que dolorosas, indicam um processo vital em movimento, deixando-me ser habitada pelo desconhecido, estranho, aspirando por um parto. Afinal, não havia Ofélia se hospedado em mim? Não precisaria, pois, separar-se? E um parto não necessita de assistência? Mas ninguém pode nascer em seu lugar! Tendo-se a confiança depositada, quando, então, até uma bolsa continente um bebê precisa romper. Nascendo pela força que empurra para fora, e de um movimento de se fazer nascer, que tanto rompe o continente que abriga quanto expulsa o que contém. Inter-ferindo. Uma dupla agressão, não fosse a força de vida, motilidade. O encontro, pois, como parteiro de tudo que há por vir. “Quem quiser nascer tem que destruir um mundo” (Hesse, 1919/2015, p. 77). Não a destrutividade, mas a agressão, que irrompe, faz nascer. Demandando condições para a sua realização, como uma situação de análise – esta sim, e não a analista, como parteira –, em sua simultaneidade, Ofélia nascera e nascia. “Pela primeira vez me largara, ela não era mais eu” (Lispector, 1964/2020, p. 115).

Naquele momento não era por vingança que eu lhe dava o tormento da liberdade. É que aquele passo, também aquele passo ela deveria dar sozinha. Sozinha e agora. Ela é que teria de ir à montanha. Por que – confundia-me eu – por que estou tentando soprar minha vida na sua boca roxa? Por que estou lhe dando uma respiração? Como ousou respirar dentro dela, se eu mesma... – somente para que ela ande, estou lhe dando os passos penosos? Sopro-lhe minha vida só para que um dia, exausta, ela por um instante sinta como se a montanha tivesse caminhado até ela? (Lispector, 1964/2020, p. 113)

“Ela sustentou o olhar. O olhar onde – com surpresa e desolação – vi fidelidade, paciente confiança em mim e o silêncio de quem nunca falou. . . . Mas ela sofria” (Lispector, 1964/2020, p. 108 e 113). E também a Ana-lista, que buscava assumir a turbulência emocional da perspectiva de dentro – não estaria nascendo também? –, trabalhando a cesura que conjurara – dentro e fora – contra-(trans-)ferencialmente. Afinal, do próprio parto também não nascia uma analista, uma função analítica? Pois, como acentua Bion (1977/1987), há uma perturbação decorrente da experiência de encontro entre duas mentes, o que geraria tempestade, turbulência emocional.

Bion (1985/2017) aponta que a balsa psicanalítica à qual nos agarramos no consultório é uma embarcação muito precária em um mar tumultuado. A experiência da prática, para o autor, seria muito mais difícil do que o debate sobre ela. “Foi nesse instante que revi Ofélia. E nesse instante lembrei-me de que fora a testemunha de uma menina” (Lispector, 1964/2020, p. 104), assim como, em uma pandemia, ela, Ofélia Maria, fora testemunha de minha gravidez, em um momento em que poucos foram os olhares, dado o isolamento.

Mas seria possível reivindicar a propriedade do nascimento? A quem creditar maternidade e paternidade, a tal da parentalidade? Esta também não dependeria de uma dupla que se encontra e entre a qual uma perturbação acontece? E uma dupla não dependeria de outra dupla, como círculos a conter círculos interiores? Em seus assimétricos lugares, de cujo contato emerge uma função? Duas pessoas que se dispõem ao encontro. Que, então, por força de desenvolvimento mental – que também se dá em uma relação – nasce uma função. Afinal, o que faz de alguém um analista? O analista como um devir, um constante vir-a-ser que não se completa, pois não há um ponto de finalização, mas uma contínua formação, dependente do atravessar de seus próprios revoltos mares, pois que parida/nascente da relação, com o outro e consigo. Não basta nascer. É preciso tornar-se. Ou tornar a ser. A todo momento. *Aconte-ser*, tendo a supervisão e a análise como testemunhos do parir, nascer e desenvolver-se da função analítica, uma vez que também são gerados dentro de uma relação. O analisando nasce o analista. Afinal, chega-se a uma análise, como uma conquista permanente, ou se trata de estados de análise, que também podem se perder?

Estariamos, assim como descreve Bion (1977/1981) sobre a cesura, diante de um ponto de mudança e desenvolvimento, do qual se poderia tirar “bom proveito”, ou então de parada e colapso. O que se conhece e o desconhecido fariam, pois, fronteira, e o contato com ela implicaria entrada em uma zona franca de turbulentos conflitos, necessitando-se, diante de uma mesma situação, de um esforço para se transpor a passagem de uma condição mental para outra.

Assim, em um momento em que se intensificaram as transferências primitivas, tamanhas as intensidades nascentes na relação, o encontro entre mim e a minha paciente foi constituindo as experiências emocionais e conferindo-lhe espessura. As palavras escasseavam-se no esforço de falar da experiência. Demandando, no trabalho analítico, tradução, significação, interpretação, o colocar-em-cena. Recriando partos: da paciente, da analista, da relação analítica. Instaurando e restaurando a despedida inaugural – o parto, o nascimento. O parto. A cesura. Pois, se do útero nascemos, dele também inicialmente nos despedimos para começar a nascer. Despedir-se do ventre, a primeira morada. Ferida irreparável para a qual resta uma cicatriz, concreta ou não.

“Não fosse a força excepcional daquela criança, que, sem uma palavra, apenas com a extrema autoridade do olhar, me obrigasse a ouvir o que ela própria ouvia” (Lispector, 1964/2020, p. 110). Foi a primeira paciente a intuir minha gestação e a ter

a percepção reconhecida, ainda muito no início. Trouxe-me também à vida em uma pandemia. E a minha função, afinal, independentemente da situação de pandemia e da experiência inicial de atendimento on-line, não era a função que deveria permanecer, independentemente dos meios e acontecimentos? Afinal, “as palavras pariam os seus significados” (Mãe, 2020, p. 12).

Inquietações finais

Se, como substantivo, “parto” diz de um exaustivo trabalho e movimento internos, como verbo é conjugado em primeira pessoa, sujeito em voz ativa. Seja partir enquanto quebrar/separar/ir embora, ou mesmo como principiar ou, ainda, parir. Pois, assim como a mulher, o analista está sempre diante de gestações múltiplas, ainda que não se nasça nem ao menos um bebê – concreto, frisa-se –, visto que “parto” também diz de processos internos, assumidos como pontos nascedouros, que também abrigam aquilo que morre. Dizendo daquilo que, por força interior, movimenta e que, por isso mesmo, também pode findar. Havendo a busca por portos, como ponto não de ancoragem, mas de passagem, de encontro. Paragem? Não como ponto de chegada, mas de partida, que coincide com o regresso a si mesmo. No interior do qual há sempre partos acontecendo, em uma relação com outro que não si mesmo. Do qual despedidas fazem parte. E ainda que se corra risco de morte de uma relação – pois sempre se avizinha uma interrupção, ainda mais quando há o parir concreto da analista –, mais arriscado seria uma relação analítica nem sequer chegar a acontecer – ou re-nascer.

Se, por um lado, a gestação da analista provoca perturbação no *setting*, por outro, sustentada a função analítica, pode possibilitar a expansão do trabalho da análise. Daí que, diante de algo que pode provocar quebra, separação, ruptura, interrupção e mesmo hostilidade, rivalidade, mobilizando fantasias, também se pode recriar, expandir, constituindo aberturas e aprofundamentos da relação analítica. Adquirindo, tal qual a barriga gestante, novos contornos.

E se, como diz a artista Julia Panadés (comunicação em oficina, 2022), “ter nascido não nos livra da tarefa de nascer”, e em sendo o nascimento uma cesura (Bion, 1977/1981; Freud, 1926/2014), constitui tarefa desenvolvimental do próprio parto, corte, cesura ou, ainda, separação, em primeira pessoa, poder renascer. Encontrando guarida nas palavras de Benjamin (2006): “Que ‘as coisas continuem como antes’, eis a catástrofe” (p. 515).

Fato é que “Ofélia é que não voltou: cresceu” (Lispector, 1964/2020, p. 117). A Ana-lista também, ao menos se espera. Reafirmando que a perturbação faz parte do encontro. Inclusive aquela diante da incontestável revelação de que nem na pandemia, nem na gestação, e muito menos em psicanálise, é possível tirar o corpo fora. E dentre tantas analogias possíveis entre análise e parto, destaco apenas uma: o privilégio de testemunhar a grandeza que é alguém nascer.

A cerca de las reverberaciones que provoca la gestación de la analista

Resumen: En el presente texto la autora discute a cerca de las reverberaciones de su gestación en la clínica y presenta en el medio de la pandemia una experiencia de atención *on-line* de un niño. Propone volver a soñarla mediante el cuento de la escritora brasileña Clarice Lispector, titulado “La Legión Extranjera” y realiza una lectura psicoanalítica del material clínico. La comunicación de la gestación a la paciente se analiza teniendo en cuenta los circuitos transferenciales, convocando la analista al ejercicio del oficio. Las repercusiones, en la relación analítica, son profundizadas a partir de la idea de cesura de Bion y además se discuten otros conceptos psicoanalíticos que aparecen en el material clínico que se presenta. Si por un lado, la gestación de la analista provoca una perturbación del encuadre, por otro, al ser sostenida la función analítica puede permitir la expansión del trabajo de análisis y así esta gestación adquiere nuevos contornos.

Palabras clave: gestación, relación analítica, psicoanálisis, experiencia emocional, cesura

Reverberations of the analyst's gestation

Abstract: The author discusses the reverberations of her gestation within her clinical practice, presenting an online analysis experience with a child during the pandemic. She proposes to re-dream this experience through Clarice Lispector's short story “The foreign legion” and conducts a psychoanalytic reading of the clinical material. The telling about the gestation to the patient is analyzed, considering the transferential circuits, which call the analyst to her practice. The repercussions on the analytical relationship are deepened, starting from Bion's idea of the caesura and discussing other psychoanalytic concepts emerging from the presented material. While the analyst's gestation may disturb the setting on one hand, maintaining the analytical function it can, on the other hand, facilitate the expansion of the analytic work, acquiring new contours akin to a gestation.

Keywords: gestation, analytical relationship, psychoanalysis, emotional experience, caesura

Referências

- Barros, M. (2000). *Livro sobre nada*. Record. (Trabalho original publicado em 1996)
- Barros, M. (2015). *Meu quintal é maior do que o mundo: antologia*. Alfaguara.
- Benjamin, W. (2009). Teoria do conhecimento, teoria do progresso. In *Passagens* (pp. 499-530). Editora UFMG; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo.
- Bion, W. R. (1981). Cesura. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 15(2), 123-136. (Trabalho original publicado em 1977)

- Bion, W. R. (1987). Turbulência emocional. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 21(1), 121-141. (Trabalho original publicado em 1977)
- Bion, W. R. (1991). *O aprender com experiência*. Imago. (Trabalho original publicado em 1962)
- Bion, W. R. (1991). *As transformações: a mudança do aprender para o crescer*. Imago. (Trabalho original publicado em 1965)
- Bion, W. R. (2006). *Atenção e interpretação*. Imago. (Trabalho original publicado em 1970)
- Bion, W. R. (2017). *Seminários italianos*. Blucher; Karnac. (Trabalho original publicado em 1985)
- Bion, W. R. (2017). *Seminários na clínica Tavistock*. Blucher; Karnac. (Trabalho original publicado em 1990)
- Bion, W. R. (2020). *Seminário realizado em Paris, 10 de julho de 1978* [Arquivo digital] (W. Dantas, Trad.). <https://bit.ly/2N7w3QT> (Trabalho original publicado em 1978)
- Caron, N. A. (2020). A transparência psíquica da analista grávida e suas reverberações na clínica. In R. Degani, S. Z. Heissler, J. L. Lima, G. Seben, & M. P. Camargo (Orgs.), *A analista grávida* (pp. 27-42). Artes & Ecos.
- Freud, S. (2010). Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise. In *Obras completas: Vol. 10. Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia ("O caso Schreber")*, *Artigos sobre técnica e outros textos (1911-1913)* (pp. 111-122). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1912)
- Freud, S. (2010). Introdução ao narcisismo. In *Obras completas: Vol. 12. Introdução ao narcisismo, Ensaio de metapsicologia e outros textos (1914-1916)* (pp. 9-37). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1914)
- Freud, S. (2010). História de uma neurose infantil. In *Obras completas: Vol. 14. História de uma neurose infantil ("O Homem dos Lobos")*, *Além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920)* (pp. 9-119). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1918)
- Freud, S. (2010). A dissolução do complexo de Édipo. In *Obras completas: Vol. 16. O Eu e o Id, "Autobiografia" e outros textos (1923-1925)* (pp. 182-192). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1924)
- Freud, S. (2014). Inibição, sintoma e angústia. In *Obras completas: Vol. 17. Inibição, sintoma e angústia, O futuro de uma ilusão e outros textos (1926-1929)* (pp. 13-123). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1926)
- Lee, J., & Buck, C. (Diretores). (2019). *Frozen 2* [Filme]. Walt Disney Pictures.
- Hesse, H. (2015). *Demian: história da juventude de Emil Sinclair*. Record. (Trabalho original publicado em 1919)
- Lima, C. M. (2022). Uma leitura de Furos no futuro [Resenha]. *Correio APPOA*, 321. <https://bit.ly/3VBv7W5>
- Lima, J. L. (2020). Com que olhos se enxerga uma gestação? In R. Degani, S. Z. Heissler, J. L. Lima, G. Seben, & M. P. Camargo, *A analista grávida* (pp. 43-58). Artes & Ecos.
- Lispector, C. (2020). A legião estrangeira. In *A legião estrangeira* (pp. 101-117). Rocco. (Trabalho original publicado em 1964)
- Madeira, C. (2021). *Tudo é rio*. Record.
- Mãe, V. H. (2020). *Contra mim*. Biblioteca Azul.
- Queirós, B. C. (2013). *Vermelho amargo*. CosacNaify.

Ana Flávia de Oliveira Santos

Endereço: Av. Cel. Fernando Ferreira Leite, 1520, sala 211,
 Jardim Califórnia. Ribeirão Preto/SP.
 CEP: 14026-020
 Tel.: (16) 98812-5043
 E-mail: anafolisan@yahoo.com.br